



Colégio Santa Cruz



CHARBONNEAU

O BOXEADOR QUE ENSINAVA A PENSAR

Publicação comemorativa dos 65 anos do Colégio Santa Cruz, em memória dos 30 anos de morte do padre Charbonneau. O texto apresentado reproduz dois capítulos da obra *Charbonneau: ensaio e retrato*, de Alberto Martins, editada em 1997 pela Scipione. O folheto integra a série “Santa Cruz de perfil”, que pretende reunir e recuperar a história do Colégio por meio de retratos diversos, de padres, educadores e funcionários da escola.

Setembro de 2017

CHARBONNEAU

ENSAIO E RETRATO: TRECHOS

INTRODUÇÃO

Quebec, meados dos anos quarenta. O professor entra na sala de aula e depara com um acontecimento incomum: o quadro-negro, feito de ardósia, tem uma de suas extremidades quebrada. Depois de alguns segundos de perplexidade, ele concebe a única explicação plausível: “Ah! Foi o Charbonneau”.

O episódio, que ficaria célebre no ambiente tranquilo do Scolasticat Sainte-Geneviève, prenuncia dezenas de outros que se desenrolariam mais tarde em terras brasileiras, tendo como coadjuvantes sólidas mesas de madeira e fórmica. Mais do que anedotas, tais atos desenham uma figura de energia incomum, que mal cabia em si mesma e precisava ligar-se ao mundo, ligar-se aos outros, dia e noite, de modo visceral.

Nas palavras de um colega canadense, ele era “*toujours trop*”. Sempre demais. Sempre em excesso. “Tinha todos os ingredientes para tornar-se um rebelde, um delinquente. Bastava vê-lo jogando hóquei: o ímpeto, a violência mesmo, com que se lançava sobre o adversário. Com uma força desmesurada e absolutamente sem medo.”

Paul-Eugène Charbonneau conservaria ao longo de toda sua vida traços dessa força desmedida, não-polida e não-policada. Provavelmente porque esta lhe era — física e espiritualmente — necessária. Quem sabe também se recordasse do versículo de Mateus, “O reino dos céus sofre violência e só os violentos o arrebatam.” O fato é que, arrebatado, durante os vinte e oito anos em que viveu no Brasil, Charbonneau bateu-se incansavelmente — como se o bater-se por uma causa boa fosse o que de mais belo tinha a oferecer à existência.

* * *

Flávio di Giorgi, que conviveu anos a fio com o padre Eugênio — como os amigos lhe chamavam — no Colégio Santa Cruz, observou que suas aulas de filosofia continham em doses equivalentes plano e paixão: “um sólido arcabouço lógico permeado por um arrebatamento de sensibilidade e de emoções, a cada período do discurso”. A observação, no fundo, vale para toda a sua pessoa. Afinal, em tudo o que fazia, Charbonneau revelava, de um lado, a disciplina de um tomista, que encadeia com lógica cada argumento, cada passagem de uma exposição; de outro, a irreverência de um homem do Novo Mundo, que sabe que tudo aquilo que se formaliza depressa demais tende a se transformar numa máscara do real.

Graças a esse conflito constante entre a mente que ordena e um coração dado a rompantes, Charbonneau desenvolveria em alto grau a capacidade não só de se adaptar a todo tipo de mudanças, mas de — tal como a biruta no teto dos aeroportos — pressenti-las a tempo. Assim, não surpreende que um país como o nosso, que passou os últimos anos beirando os mais graves desequilíbrios, tenha se revelado um campo fértil para o exercício de seus talentos.

Movido a desafios, Charbonneau enxergou no Brasil um país em vias de formar-se e que, por isso mesmo, necessitava desesperadamente de formadores. Mas não só isso. Tendo experimentado no próprio Quebec, sociedade bem mais estruturada do que a nossa, o jogo de tensões que se estabelece entre instituições sedimentadas e formas sociais que se modernizam, Charbonneau, desembarcando em São Paulo em 1959, logo percebeu que no Brasil — como de resto em toda a América Latina — esse processo não se faria sem o risco de rupturas irremediáveis. Talvez por isso tenha se aventurado como poucos por campos na aparência tão distantes quanto a questão agrária e a moral conjugal, os dilemas da ética no mundo capitalista e o consumo de drogas por parte dos jovens. É que, na cerrada conjuntura dos problemas brasileiros, todos os temas lhe apareciam inextricavelmente interligados.

A essa urgência constante de intervir somava-se sua capacidade de sintonizar, no ato, aquilo que seus interlocutores não só queriam, mas necessitavam ouvir. Certa vez, quando se encontrava no norte do Brasil proferindo uma conferência em nome da Escola de Pais, Charbonneau começou a falar e logo depois, no meio da frase, fechou a pasta que trazia à sua frente, com o esqueleto da palestra todo anotado. Percebera subitamente que o discurso elaborado em São Paulo não poderia ser apresentado da mesma maneira em Manaus. Deu um jeito de cutucar o colega ao lado, para que este tivesse tempo de reordenar seu pensamento, e engatou, sem que a plateia se desse conta, num novo trem de ideias.

Esse talento natural para perceber o fator de mudança, quando tudo em torno parecia fadado ao impasse, receberia um impulso extraordinário com as conclusões do Concílio Vaticano II — que impeliu a Igreja vigorosamente na direção do mundo moderno, rompendo antigas alianças e instaurando um ambiente de rigoroso e profundo *aggiornamento*. Para Charbonneau, que já tinha propensão à mudança, a oposição entre o novo e o arcaico passaria a funcionar como paradigma para todo tipo de conflitos, desde o antagonismo entre pais e filhos, onde isso é nítido, até as relações entre Igreja e Estado em plena ditadura brasileira.

Vale lembrar que Charbonneau, intelectual católico, nem sempre se posiciona incondicionalmente ao lado de um ou de outro desses polos. Mas parece guardar uma distância dialética entre um e outro, atuando um pouco como o lastro dos navios, ora tombando rumo ao passado, ora precipitando-se naquilo que imagina ser o futuro. Exemplo dessa ação antitética é sua disposição contínua para inovar dentro da tradição: ser vanguarda, então, é questionar ao extremo um determinado conhecimento que já se torna enrijecido sob o peso de injunções passadas até que o próprio passado, revelado de outra forma, dê à luz o novo. Desse modo, ele dirá: “estamos convencidos de que não salvaremos a tradição da estagnação senão revigorando-a pela descoberta de novas soluções, aparentemente contrárias a esta tradição, mas no fundo diretamente enraizadas nela e conforme a seu Espírito”. Por isso a ruptura é, para Charbonneau, uma forma de continuidade.

Talvez uma boa maneira de apreender esse processo seja retornando ao seu conflito inicial. No que toca à inteligência, Charbonneau foi, antes de tudo, um intelectual dialógico, que necessita dos outros para pensar. Parte quase sempre de uma compreensão geral dos problemas para em seguida, paciente e metodicamente, exaurir todos os pontos de vista existentes a respeito. É no confronto das diferentes opiniões, nesse jogo de apartes, rebates, rasuras e emendas, no calor mesmo da discussão, que vai forjando seu pensamento pessoal. A irreverência desempenhava então, ao lado do rigor, papel central: era a ferramenta que o ex-jogador de hóquei empregava para deslocar o adversário, furar o bloqueio e entrar diretamente no cerne dos problemas.

Quanto à paixão, esta era, em essência, uma paixão do movimento. Se algo o escandalizava era a imobilidade, o comodismo, a estagnação. Daí sua busca — paradoxal num homem extremado — pelo equilíbrio. Não equilíbrio estático, ponto-morto de vetores que se anulam. Mas equilíbrio dinâmico, cujo eixo só se encontra em plena ação. Mais do que meta ou projeto, tal busca era uma necessidade intrínseca. Afinal, ele mesmo ponderara, a certa altura de *O homem à procura de Deus* (1981), “Toda força tem necessidade de um centro que a ordene, sem o que ela se torna destrutiva”.

O BOXEADOR QUE ENSINAVA A PENSAR

Fundado em 1952, por três missionários da Congregação de Santa Cruz, sob a liderança do padre Lionel Corbeil, o Colégio Santa Cruz ocupava inicialmente uma casa emprestada pelo cardeal Motta na avenida Higienópolis, 890, onde atualmente funciona a sede da Cúria Metropolitana de São Paulo. Cinco anos depois de sua fundação, o sonho de Corbeil “um colégio moderno, com linhas arquitetônicas simples, alegres, arejadas e funcionais, instalado no meio de belos jardins, de árvores, de flores e verdes gramados, com grandes áreas para os esportes” — tornava-se realidade graças à doação efetuada pelas empresas São Paulo Light and Power — a Light de São Paulo — e a Brazilian Traction, ambas do Canadá, de um terreno de 50.000 metros quadrados no então distante e quase deserto bairro de Alto de Pinheiros.

O empreendimento dos padres canadenses obteve, quase que imediatamente, uma enorme aceitação. Em parte porque, no contexto da época, os religiosos do Quebec pareciam ter a chave para uma premente equação. Por um lado, sintonizavam a modernidade econômica e de costumes do capitalismo liberal da América do Norte, cuja força se manifestava, aqui e no resto do mundo, de forma cada vez mais contundente; por outro, permaneciam ligados de modo umbilical à tradição da cultura francesa, que ainda contava, àquela altura, como o peso maior na formação das nossas elites. Assim, eles informavam uma opção de ensino simultaneamente culta e modernizadora, em que o projeto capitalista se integrava a um respeito pela ética humanista e à qual certa parcela da sociedade paulistana podia aderir com entusiasmo.

Com seu temperamento curioso e expansivo, Charbonneau não demorou a ambientar-se. As famílias que circulavam em torno do colégio e das inúmeras atividades coordenadas pelo padre Corbeil forneceram a matéria-prima para as primeiras amizades — entre as quais se destacaria a de Ernesto Lima Gonçalves, amigo de toda a vida. No que toca à comunicação, falando o francês e o latim, tendo frequentado o italiano no seu período

romano e estudado um pouco de espanhol no Canadá, o português não podia constituir sério obstáculo. Mesmo assim, para se inteirar da linguagem viva do dia a dia, Charbonneau adotou um expediente que, na prática, iria lhe trazer a simpatia quase imediata de um grande número de alunos, além de uma considerável ampliação de vocabulário.

Junto ao campinho de futebol havia umas cestas de basquete fixadas no alambrado. Toda tarde, Charbonneau punha o calção e ia bater bola no meio da garotada. Quando a notícia se espalhou de que havia um novo religioso no colégio e este gostava de esportes, a curiosidade venceu o estranhamento. Entre arremessos e lúdicos passes, os adolescentes não demoraram muito para se improvisarem em criativos tradutores: quando Charbonneau indagava o sentido de uma expressão ou pedia a tradução de um termo para o português, o aluno solícito lhe oferecia em troca um cândido palavrão. Que Charbonneau repetia — fazendo a garotada cair na gargalhada.

Mas se logo se apoderou das gírias e do vocabulário heterodoxo dos adolescentes, Charbonneau também se preparava para usos mais literários do português. Ainda não tinha muito tempo de Brasil quando, apaixonado pelo livro e para verificar a quantas andava o seu domínio da língua, resolveu verter para o francês, por conta própria, o romance *Ciranda de pedra* (1954), de Lygia Fagundes Telles. A cada vocábulo desconhecido, recorria ao dicionário. Quando um amigo, no intuito de ajudá-lo, adiantava o sentido da palavra, ele se zangava. “Deixe-me com meu dicionário”, respondia. Lygia conta que Simone de Beauvoir, que chegou a ler *La ronde de pierre*, como se intitulava a versão de Charbonneau, enviou-lhe uma nota mais tarde comentando “a riqueza do trabalho”. Lamentava apenas que o francês do tradutor não fosse propriamente “parisiense”.

Sem nunca ter perdido inteiramente o sotaque, Charbonneau se expressava bastante bem em português, e seu acento leve mas vibrante, que sibilava nos esses, se tornaria uma marca registrada da sua oratória, fixando-se de forma inconfundível na memória dos seus ouvintes. Com relação à língua escrita, porém, o seu português jamais alcançaria a fluência

e harmonia do francês. Por isso, ao longo de toda a vida, mesmo quando escrevia para o jornal, os seus textos seriam traduzidos — quase sempre por colegas ou amigos, na maioria das vezes não-remunerados. Verdade que Charbonneau nunca se esquecia de agradecer pessoalmente ao tradutor, mas são raríssimos os livros em que há uma menção explícita ao trabalho desses importantes e anônimos colaboradores.

Num outro território da língua — o paladar — Charbonneau não teria problema algum em se adaptar ao trópico. Ao contrário, o prazer ao comer e beber não apenas o acompanharia por muitos anos, como se revelaria intrínseco à sua prática do bem viver e de sua sociabilidade. Só bem mais tarde — por ocasião de uma grave hemorragia no esôfago, em 1978 —, as dietas e os regimes se impuseram então com milimétrica severidade. Até lá, porém, seria um assíduo frequentador de restaurantes, chegando a ter cadeira cativa no Trastevere nos idos dos anos 60; um “filet a Charbonneau” batizado em sua homenagem pelo *restaurateur* Tattini, do Fabrizio, e teceria ainda uma estreita amizade com Roger Henry, do Casserole, no largo do Arouche. Testemunho do seu fenomenal apetite é a anedota verídica de quando recebeu um tenista canadense para almoçar. Tendo se dirigido a uma das grandes churrascarias de São Paulo, os dois cumpriram todo o percurso regulamentar: entrada, saladas, pães, vários tipos de carnes, diversos acompanhamentos, sobremesa, café. No fim daquilo que seria para qualquer mortal um lauto almoço, os dois compatriotas consideraram os pratos vazios e não titubeiam: “Vamos começar de novo?”

Foi também no refeitório do Colégio Santa Cruz que Charbonneau celebraria outra de suas grandes amizades, o casal Nicolai e Giovanna Kijanitza e sua filha Nadja, que se tornariam para ele, ao longo do tempo, praticamente uma outra família. Uma que não o solicitava a todo momento com perguntas difíceis ou casos escabrosos e com a qual, graças ao milagre do convívio, podia se permitir simplesmente *estar*. Depois da morte de Nicolai, boa parte desse sentimento familiar seria transferido para Nadja, com quem Charbonneau firmaria uma amizade de longos anos.

Outro dos caros relacionamentos dentro do Santa Cruz seria Raimundo Ferreira Pinto, que, além de tocar a cantina, exercia a função de motorista do colégio, acompanhando Charbonneau em seus compromissos pela cidade e, com frequência, em vez de esperá-lo tarde da noite do lado de fora dos estúdios de televisão, aproveitava para entrar e assistir aos debates.

Camaradagem no mais puro espírito de colegial, Charbonneau desenvolveria também com Jandira da Silva, que substituiu Nicolai na cozinha dos padres, e Margarida Oliveira Alves, que cuidava da limpeza. Se esta jamais incorporara o hábito de bater na porta de seu quarto antes de entrar, Charbonneau, por sua vez, no seu modo expansivo de manifestar a amizade, adquirira o costume de estalar gordas palmadas que retumbavam, em geral, no *derrière* de Margarida. Na única vez que esta se dispôs a devolver o gesto, a porta do corredor se abriu e ambos se viram congelados sob o olhar de um colega superior. A punição: quarenta ave-marias e quarenta padre-nossos, os dois, já. Chegando na capela, porém, Margarida foi logo despachando: “Ah, padre, eu moro em Pirituba e ainda tenho que cozinhar o feijão. Hoje o senhor reza por mim, tá?”

Margarida, Jandira, Raimundo, Nicolai e Dona Giovanna revelam outra importante característica de Charbonneau. Embora convivesse estreita e frequentemente num alto círculo social, sua pessoa preservara intacto o código de uma inata simplicidade, o que lhe permitia sentir-se em casa com os trabalhadores comuns.

Num outro extremo, de formação e temperamento bastante diferentes, Charbonneau estabeleceria ainda uma duradoura e fecunda ligação com o padre Corbeil. A comparação pode ser prosaica, mas não inteiramente desprovida de sentido: ao longo dos anos, os dois religiosos atuariam juntos como uma habilidosa dupla de atacantes. O primeiro, cioso de tudo o que se passava dentro e fora do gramado, operava no meio de campo, armando as jogadas, distribuindo os lançamentos, preocupado com a condução diplomática da bola desde a defesa até o ataque, enquanto Charbonneau aparecia como o centroavante explosivo e rompedor, que atraía para si a ira dos zagueiros. Foi essa conjunção de diplomacia e instinto de gol que

iria, em grande parte, fazer do Santa Cruz uma experiência de renovação importante no ensino secundário brasileiro.

Com a cumplicidade que mantinham, Corbeil logo se deu conta de que seria difícil, senão impossível, reger padre Eugênio pelo ritmo dos demais. Suas inquietações, sua intensidade e, naturalmente, seus horários eram outros. Sempre atrasado para as refeições, lendo e trabalhando até tarde, saindo no meio da noite para alguma imprevista reunião. Corbeil e seus colegas de Santa Cruz perceberam que, no tocante a Charbonneau, horários e outras pequenas regras deveriam ter um pouco mais de elasticidade.

Num outro plano, grande parte da liberdade de atuação de Charbonneau deve ser creditada à figura do arcebispo de São Paulo, D. Paulo Evaristo Arns. Tendo estudado na Europa entre 1947 e 1952 e convivido de perto com toda a efervescência cultural da França do pós-guerra, D. Paulo estava em condições de avaliar claramente a extensão do conhecimento de Charbonneau. Muitos anos depois, ainda seria capaz de recordar quatro características fundamentais que o impressionaram em Charbonneau desde o princípio: a) uma leitura vastíssima, criticamente assimilada; b) uma aguda capacidade de síntese, que lhe permitia uma leitura prospectiva dos acontecimentos históricos; c) um componente altamente intuitivo que o levava frequentemente a antecipar-se aos fatos e d) o mais importante: uma ânsia de liberdade absolutamente admirável.

Assim, diversamente do que muitos poderiam pensar, D. Paulo jamais exerceu censura alguma sobre o pensamento de Charbonneau, por mais polêmica que fosse a sua posição. Ao contrário. Em mais de uma oportunidade, depois de uma daquelas conferências que costumavam “levantar a poeira”, D. Paulo recebeu queixas de bispos, afirmando que, em suas paróquias e, algumas vezes até, em seus estados, Eugênio Charbonneau nunca mais falaria em público. D. Paulo transmitia o teor das cartas e acrescentava ao mesmo tempo, “Mas aqui em São Paulo, você sempre poderá falar”.

Num momento difícil, no fim do governo Geisel, quando os rumos da abertura democrática eram negociados passo a passo dentro da própria cúpula militar, sob o acompanhamento atento da Igreja, D. Paulo mesmo recorreu a Charbonneau. Um alto membro do clero fizera na imprensa um duro ataque às posições mais progressistas, e a resposta, urgente e necessária, não poderia, por questões estratégicas, partir de D. Paulo. Charbonneau atendeu prontamente ao chamado: “São cinco horas da tarde, o senhor quer que eu mande para o jornal hoje mesmo?” D. Paulo retorquia que o artigo podia ser escrito com calma e enviado no dia seguinte, quando Charbonneau replicou: “Calma não existe”.

A marca, o muro

Entre as muitas imagens que um homem projeta na imaginação dos outros, como se fossem frações supostamente “verdadeiras” de si mesmo, algumas, dada a constância com que retornam, parecem reter um pouco mais de “verdade” do que outras. Quem sabe seja este o momento de indagar que imagens de Charbonneau retornaram com frequência à imaginação de seus alunos.

[...]

A imagem do “padre que lutava boxe” demoraria um pouco para se fixar na mente dos alunos. Antes, ela atravessaria alguns estágios de maturação. O jornalzinho *O Verbâmidas*, fundado em maio de 1961 por alunos do Centro Social e Cultural do colégio e que teve entre seus insígnis colaboradores o então “cronista” Francisco Buarque de Holanda, é um interessante posto de observação. Em sua meia dúzia de páginas datilografadas e depois rodadas no estêncil, os estudantes podiam debater a crise de Cuba, reivindicar uma maior aproximação entre tecnologia e humanismo, comentar os espetáculos teatrais da cidade e — como não poderia faltar — dedicar-se a piadas, comentários, charadas e outras brincadeiras intramuros. No número de setembro de 1961, quando os redatores “descobriram” a semelhança entre alguns mestres e certos personagens conhecidos, Corbeil foi associado ao

ANO I No I
maio/1961

VERBÂMIDAS

Diretor: Nelson Delfino D'Ávila Mascarenhas
 Colaboradores: Francisco Buarque de Hollanda Nestório Martins Costa Filho
 Joaquim de A. Machado d'Oliveira Paulo Prado Valadares Ribeiro

A P R E S E N T A Ç Ã O

Assusta um pouco. À primeira vista, parece digno de especulações filológicas ou filosóficas. Uma proparoxítona a indicar, talvez, uma origem helênica, diria o Vieira. É preciso atentar para a suposição dos termos, adiantaria o Pe, Eugênio. Nem uma coisa nem outra. Um nome. Apenas um nome. Nada mais que um nome. Criado o jornal, estava colocado o problema. Que nome dar? Lançamos concurso. Cartazes até no banheiro. E toda aquela onda foi morrer mansamente nas raias do esquecimento...

É desagradável começar um jornal dando "branca", mas é preciso, colegas. Não tivemos a colaboração esperada. Uma semana de campanha com pouquíssimas sugestões.

Fomos obrigados a anular o concurso e deliberarmos nós mesmos. Boa vontade e colaboração, colegas! Jornal significa trabalho em equipe, cooperação, responsabilidade. Se existe um corpo fixo de colaboradores, nem por isso prescindiremos do apoio de todos os colegas. De resto, teremos seções, como a do artigo de fundo, que serão assinadas por colaboradores eventuais.

A propósito de tal artigo de fundo, "O VERBÂMIDAS" trará baila, em seu primeiro número o palpitante problema cubano, numa colaboração assinada pelo André Franco Montoro Filho. É conveniente observar que "O VERBÂMIDAS" não se responsabiliza pelas opiniões emitidas em colaborações assinadas. Isso porque embora buscando a consciência dos problemas aqui ventilados, a direção de "O VERBÂMIDAS" tem como função precipua a de veicular de informações. Fica claro, portanto, que a diretoria de "O VERBÂMIDAS" só ondensará juízos e opiniões quando os mesmos não vierem assinados.

Sendo o órgão oficial do Centro Social e Cultural uma das seções fixas do jornal, vai constar do relatório de cada secretaria. Assim, alguns comunicados da diretoria do Centro Social e Cultural a seus associados poderão ser feitas através de "O VERBÂMIDAS".

As últimas páginas serão dedicadas às fofquinhas, assinadas, naturalmente, por Dona Fofoca. Esperamos que os colegas não levem a mal algumas brincadeiras. Procuraremos não ferir susceptibilidades.

Ainda incipiente, o jornal busca a melhor fórmula de apresentação. Aguardamos sugestões e críticas (construtivas).

C U B A

André Franco Montoro Filho

<p>A posição por mim assumida, com respeito ao problema cubano, tem encontrado aqui no Colégio uma grande oposição e não me foi possível ainda explicar o porque desta posição. Aproveitarei o ensejo para explicá-la convenientemente.</p> <p>A influência do poder econômico dos "trusts" internacionais sobre todos os países latino-americanos, dominando-os economicamente e explorando-os, tinha em Cuba de três anos atrás um dos seus exemplos mais marcantes. O imperialismo sustentava um ditador, Fulgêncio Baptista, que, vergonhosamente comprado, paritário, instigava e aplaudia toda a sorte de ex-</p>	<p>ploração do povo e da nação cubana.</p> <p>Foi nesta ocasião e nestas condições que surgiu o movimento revolucionário, comandado por Fidel Castro, cujas finalidades eram, em primeiro lugar derrubar a ditadura de Baptista, e, depois, libertar Cuba de todo jugo econômico estrangeiro, fosse capitalista, fosse comunista, e instalar uma nova ordem social em que o trabalho e o trabalhador fossem colocados em primeiro lugar na escala da ordem social e econômica.</p> <p>Em outras palavras, isto representa uma torçeira posição frente ao dilema capitalismo ou comunismo, que não aceita</p>
---	--

A primeira página de O Verbâmidas, curioso posto de observação no colégio do Alto de Pinheiros, onde se manifestariam alunos com os mais diversos talentos.

Tio Patinhas e o esguio padre Gilles Beaulieu, a Dom Quixote, cabendo ao largo padre Eugênio o lugar de seu fiel escudeiro Sancho Pança.

De fato, naqueles tempos de semi-internato, em que os estudantes entravam às 7h45 e saíam às 17h, não havia jeito de o apetite de Charbonneau passar despercebido aos alunos. O próprio *Verbâmidas*, numa edição anterior, já lhe havia avaliado as dimensões com o comentário: padre Eugênio, que “vale por dois e come por quatro”.

Mas a imagem de um Sancho Pança folgado e bonachão parece não ter encontrado raízes na realidade, já que no número seguinte o que chama a atenção do repórter são as “brincas e músculos” do padre Eugênio. Agora, bem mais de acordo com seus feitos, ele já foi promovido na galeria de heróis: passou do pacato Pança ao combativo El Cid. O caráter aguerrido fica definitivamente delineado quando a seção “Procura-se” anuncia abertamente “procura-se um *sparrring* para o padre Eugênio”.

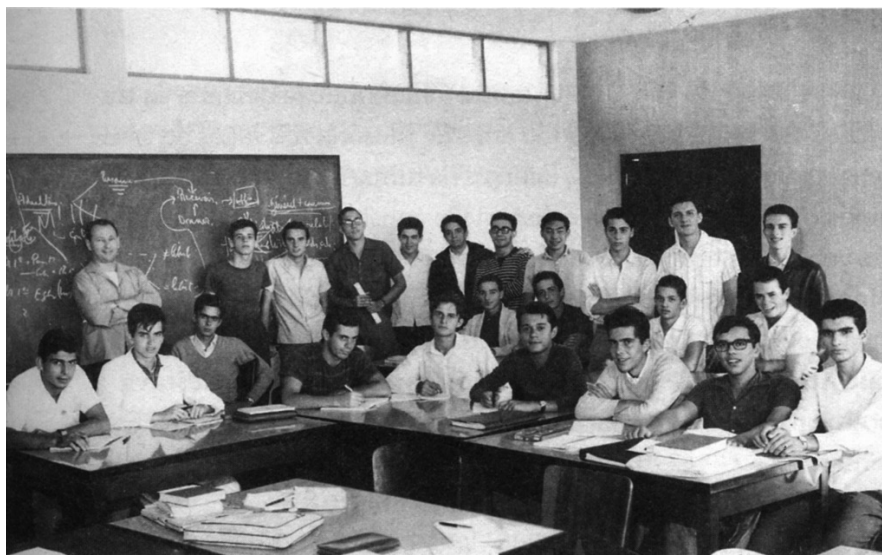
Condizente com essa fama de boxeador, em dezembro de 1961, o aluno Dávio Antonio Prado Zarzana registrava para a posteridade, nas páginas do *Verbâmidas*: “O Padre Eugênio, um cérebro brilhante e uma saúde de ferro, começou a nos lecionar Filosofia e a mostrar os proveitos da ‘disciplina liberal’, que às vezes empregava. Um dia ouvimos um barulho vindo da classe do terceiro ano; ele tinha quebrado a mesa daquela sala com um soco. O método aprovou: os alunos se calaram e ficaram ‘bonzinhos’...”

Outro soco — ou seria o mesmo? — ficou gravado na memória de um aluno que desenvolvera, durante as aulas de filosofia, a curiosa propriedade de conseguir, ao mesmo tempo, dormir e prestar atenção nas explicações do professor. Certa feita, depois de emergir de um sono letárgico, fez uma pergunta que era inteiramente procedente ao assunto. Mas a bagunça na classe era tamanha que, antes que Charbonneau pudesse responder, o aluno abaixara a cabeça e, aparentemente, “dormia” de novo. A irritação foi tanta que Charbonneau desferiu um daqueles poderosos socos no tampo da mesa. Depois da aula, os alunos se aproximaram e, ao erguerem a lista de presença, puderam ver uma depressão no compensado: estampada em baixo-relevo, lá estava a marca do murro.

No Colégio Santa Cruz

Charbonneau chegara ao colégio com a incumbência de, entre outras coisas, ministrar filosofia para as turmas de primeiro, segundo e terceiro ano do colegial. Coerente com o currículo de sua formação, estruturou um programa que, em vez de funcionar como uma introdução à história da filosofia, procurava, de início, apresentar os fundamentos do raciocínio lógico para só então centrar fogo na discussão dos problemas existenciais contemporâneos. Subjacente a tal programa estava a ideia, firmemente ancorada no espírito de Charbonneau, de que a base para o desenvolvimento sadio do ser humano era uma formação intelectual apurada. Sem a capacidade de processar informações, como poderiam os jovens fazer suas escolhas num mundo de valores tão convulsionados? Por isso, sua preocupação primeira era estimular a formação de estruturas de pensamento lógicas e coerentes, que fizessem da inteligência um centro crítico e criativo — e não um mero arsenal de conhecimentos.

Assim, o primeiro ano privilegiava questões de lógica formal: o conceito, a proposição, a argumentação. O segundo ano era dedicado ao estudo da moral, abordando os princípios da ética humanista em contraposição à ética autoritária; a sobrevivência de tais valores numa sociedade regida pela técnica e pelo lucro; os binômios liberdade e responsabilidade, trabalho e palavra, trabalho e lazer, trabalho e alienação; as situações do homem e da mulher no mundo contemporâneo. No terceiro ano, partindo de conceitos aristotélicos — e, na sequência, tomistas como ato e potência, essência e existência, substância e acidente, Charbonneau dava livre curso às indagações metafísicas sobre o ser e a existência. Como pano de fundo, corria ao longo de todo o ano a leitura de obras como *Sidarta*, de Herman Hesse, *As palavras* e *A náusea*, de Sartre, *Os irmãos Karamázov*, de Dostoiévski, *Carta a meu pai* e *O processo*, de Kafka, e *A peste*, de Camus. Contrapondo-se a essa lista — toda ela composta de grandes demolidores do senso comum —, Charbonneau apresentava, quase no fim do curso, as mesmas indagações revisitadas na perspectiva de uma ontologia cristã, calcada nas noções de *amor* e *pessoa*, e tendo aí como eixo o pensamento luminoso de Teilhard de Chardin.



ARQUIVO C.S.C.

Charbonneau com a turma do terceiro científico, em 1964: aula em português, mas os registros na lousa ainda em francês.



ARQUIVO C.S.C.

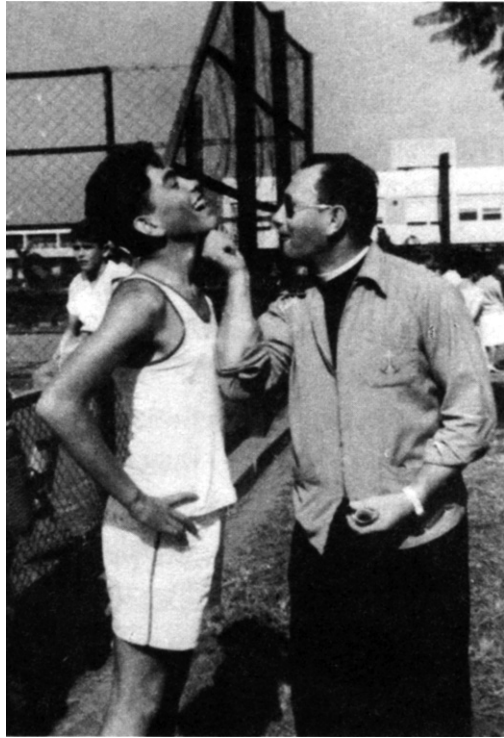
*Ensaio de democracia
No início dos anos 60, o trote a um jovem calouro é discutido perante um tribunal, com promotores, juiz, advogados, pedidos de aparte e muita diversão.*

A partir de 1967, no entanto, Charbonneau deixaria os trabalhos dos primeiro e segundo anos de filosofia nas mãos de assistentes para concentrar seus esforços na turma do último ano. Como ainda dispunha de tempo e disposição consideráveis, as aulas muitas vezes prosseguiam de modo informal nos corredores, no seu gabinete e até no recreio. Desse modo, se algum adolescente, particularmente afetado pelos questionamentos de Sartre ou Dostoiévski, saía literalmente dos eixos, Charbonneau sempre estava a postos para providenciar uma rede de proteção ou, pelo menos, tentar.

Entretanto, se o contato com os alunos se revela particularmente gratificante ao longo da década de 60, funcionando mesmo como estopim para duradouras amizades, os primeiros anos da década de 70 viriam assinalar um progressivo distanciamento na relação de Charbonneau com seus alunos. Seja porque a saúde abalada prejudicasse seu rendimento, seja porque fosse absorvido pelos compromissos de uma agenda requisitada, Charbonneau nem sempre chegava a completar o programa, e mais de uma turma guardaria na memória não tanto as suas aulas expositivas, mas sim as poderosas obras literárias que tinham lido por conta própria.

Ao lado disso, há ainda um outro fator — a ser examinado mais adiante — que diz respeito às transformações por que passava a juventude dos anos 70. Crescendo sob a atmosfera vigiada do regime militar e expostos, ao mesmo tempo, à presença avassaladora da cultura de massas, esses adolescentes desenvolveriam, como um de seus traços característicos, uma acentuada desconfiança com relação à palavra e ao discurso. Por isso não espanta que, em meados dos 70, já turmas inteiras começassem a se mostrar impermeáveis às lições de Charbonneau. [...] Aqueles jovens estavam começando a pôr em prática o sentimento de uma revolta sem rumo certo, que se pode definir, *grosso modo*, como uma contestação dos valores em qualquer campo em que isso fosse possível: da política ao misticismo, passando pelas opções sexuais. Para eles, as investigações filosóficas de Charbonneau passavam a soar como algo excessivamente dirigido: um questionamento à primeira vista radical mas que tinha, no fundo, o cristianismo como um porto seguro.

Com sua forte presença física, Charbonneau conseguia ser próximo e, ainda assim, manter um grande senso de limites. Dessa forma, nenhum rapaz ignorava que, no caso de avançar o sinal, corria o sério risco de levar uns trancos no final da linha. Naturalmente, isso não impedia que, em vários momentos, a molecagem prevalecesse. Uma vez, durante um acampamento-missão que o colégio realizava numa das praias do litoral norte, Charbonneau, no meio de uma conversa, preparava-se para sentar. Um aluno, às suas costas, dava sinais de que iria puxar a cadeira. Ninguém acreditou que ele fosse capaz, mas quando Charbonneau finalmente entregou o corpo à ação da gravidade, a cadeira não estava mais lá para suportá-lo. O que se seguiu foi uma fulminante perseguição em pista de areia entre um padre de meia-idade e um rapazola que, antes de o episódio terminar em meio a risadas e abraço fraterno, não escapou de levar uns duros croques na cabeça.



* * *

Não se pode, porém, confundir o educador distante, algo desacreditado, dos anos 70 e 80 com aquele que conquistara a admiração e, muitas vezes, a amizade dos seus alunos ao longo dos anos 60. Para estes últimos, ao lado do surpreendente vigor físico, o aspecto que mais entusiasmava naquele professor recém-chegado era, sem dúvida, a sensação de que se encontravam diante de alguém que vivia — com todo o seu ser — “plugado” no mundo real. Alguém que pensava a política em sua dimensão nacional e internacional, que apresentava os filósofos, comentava os romancistas; alguém dotado de uma paixão intelectual, capaz de revolver com curiosidade e prazer cada detalhe da existência e que, por isso mesmo, experimentava a realidade como um contínuo vir-a-ser, dando a impressão, a quem o olhasse, de estar agindo o tempo todo.

Junto a essa verdadeira locomotiva, que carregava para todo canto a inquietude constante do ser vivo, havia ainda o padre que fumava e bebia; que não via tabus a torto e a direito; que se vestia à vontade e lutava boxe; que jogava *handball* com os alunos e que, movido por um senso profundo de alegria, queria depurar cada momento e partilhá-lo com os demais. Antonio Luiz Junqueira Filho, que conviveu intensamente com Charbonneau naquele tempo, lembra-se de estar sentado a seu lado numa grande choperia de São Paulo. O pretexto era, possivelmente, uma recepção a *Morte e vida, severina* — auto de João Cabral com músicas de Chico Buarque que se destacara no Festival de Nancy, na França, em 1963. A certa altura, por cima do vozerio ambiente, soou um sucesso do carnaval daquele ano e todos os presentes numa reação em cadeia pularam de pé, tocados pelo ritmo que se impunha. Então Charbonneau agarrou o seu braço e, meio transfixado, foi dizendo de si para si: “Vocês não avaliam o que é isso... O país que vocês têm... Essa corrente...”.

Cabo de guerra, na festa dos esportes em 1961: a alegria em meio ao desafio. ►





A esse entusiasmo, a essa vontade instantânea de viver, viria se somar o fato de que Charbonneau se encontrava então no ápice de sua capacidade produtiva. Ele mesmo costumava dizer a seus alunos que o período mais fecundo de um intelectual situava-se entre 35 e 50 anos. Antes dos 35, gastava-se tempo acumulando bagagem e conhecimentos; depois dos 50, dificilmente um autor conseguia se renovar — apenas “penteava” os *insights* já alcançados. Mais do que um ponto de vista objetivo, Charbonneau parece estar aqui se referindo, veladamente, à sua própria condição. Ele, que chegara ao Brasil com 33 anos e meio, produziria, no período que vai de 1962 a 1969, isto é, entre 37 e 44 anos, o montante de 12 livros — sem contar aí as traduções e reedições —, totalizando cerca de 2 500 páginas de textos inéditos, cobrindo temas tão díspares quanto a ordem social e política, o matrimônio, o diálogo entre pais e filhos, sexualidade adolescente, educação e, ainda, comentários de encíclicas papais.

Tamanha produtividade, porém, não se deve apenas à faixa etária. Além da maturidade que se anunciava, Charbonneau encontrou no Brasil de então dois fatores fundamentais para o desenvolvimento de suas obras. De um lado, um público que solicitava avidamente a sua intervenção; de outro, um ambiente de trabalho extremamente propício no Colégio Santa Cruz.

Assim, se nos nove anos passados desde a data de sua ordenação até a vinda para o Brasil ele não dispusera de tempo para leituras diversificadas e profanas, no colégio do Alto de Pinheiros Charbonneau pôde expandir o campo de suas leituras, na medida de suas necessidades. Movido por um impulso constante de atualização, mal recebia pelo correio o seu exemplar da revista *L'Express*, disparava um telefonema para a Livraria Francesa da rua Barão de Itapetininga, onde, tempos depois, Raimundo apareceria para retirar os livros encomendados. Daí que, muitas vezes, Charbonneau transitasse pelos corredores do colégio carregando, debaixo do braço, títulos que tinham acabado de sair na Europa e que ele se apressava em indicar aos alunos e também aos professores.

Uma breve aferição nos volumes de sua biblioteca revela a enorme predominância dos títulos de língua francesa, que respondem por cerca de

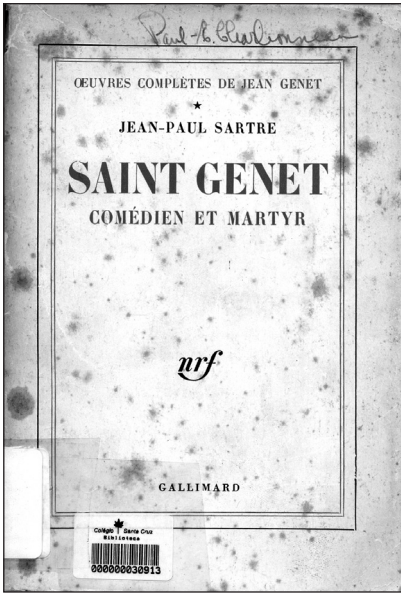
80% do total de quase 3 000 obras. Os demais são livros em português, de autores nacionais, com um número ínfimo de obras em inglês e espanhol. O que, no fundo, talvez venha apenas confirmar a sobrevivência daquele poderoso sentimento *quebecquois*, que, manifestando mesmo um discreto desprezo pela língua inglesa, filtra toda a sua participação na cultura universal através do idioma de Racine.

No que toca à leitura, Charbonneau cultivava um curioso hábito de fichamento, adquirido durante sua formação canadense. Quando encontrava num livro alguma passagem que o interessava, sobre qualquer assunto que fosse, ele a sublinhava e imediatamente anotava, num cartãozinho, o tema e a página. No dia seguinte, Marcos Antônio de Moraes, que trabalhou como seu secretário por alguns anos, ou qualquer outra pessoa que estivesse na função, ia recolhendo as passagens assinaladas e datilografando-as em fichas, que seriam depois organizadas em tópicos por ordem alfabética: *amor, arte, ateísmo, beleza, bondade, Brasil, caridade, civilização, cristianismo, Deus, direito, drogas* etc., chegando a totalizar aproximadamente 70 000 fichas.

Exemplo da abrangência de relações que era capaz de estabelecer no ato da leitura é, por exemplo, uma citação do autor *junky* Williams Burroughs, ex-viciado em heroína, cujo livro *The naked lunch* é um dos testemunhos mais lúcidos e violentos do circuito infernal de dependência que cria esse derivado pesado do ópio. Obviamente, Charbonneau lia o livro tendo em vista suas preocupações com o envolvimento progressivo dos jovens com as drogas ao longo dos anos 70. Isso, no entanto, não impediu que uma frase como esta lhe chamasse a atenção:

“Um simopata — a definição técnica desta afecção me escapa — é um cidadão persuadido de que é um gorila ou qualquer outro membro da grande família simiesca. É uma disfunção própria da vida militar, que desaparece com a desmobilização.”

Significativamente, Charbonneau a armazenou sob o tópico *Brasil*, o que vale por todo um comentário sobre a contribuição militar à nossa vida social.



ARQUIVO C.S.C.

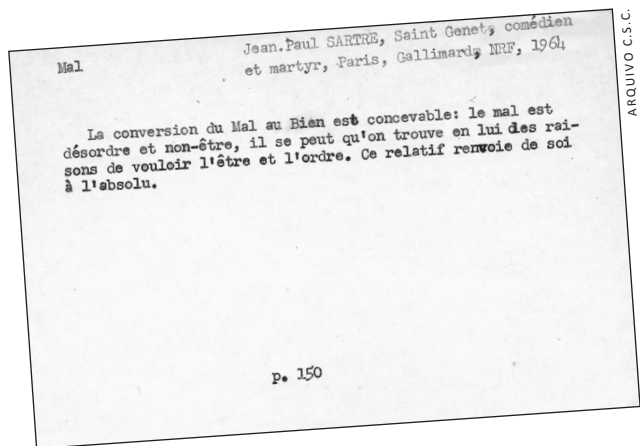
inspire et dans son amour originel du Bien. La déduction est correcte mais elle conduit à des absurdités car cela revient à dire que notre motif principal de faire une certaine catégorie d'actions c'est à la fois notre désir de ne pas les faire et notre volonté de faire l'action contraire. Comment trouver dans le Bien une raison de faire le Mal? et dans le refus du Mal? La conversion du Mal au Bien est concevable : le mal est désordre et non-être, il se peut qu'on trouve en lui des raisons de vouloir l'être et l'ordre. Ce relatif renvoie de soi à l'absolu. Ou, comme disent les catholiques : « Le péché est la place béante de Dieu. » Mais la conversion du Bien au Mal? Comment pourrait-on même la penser? Le Bien c'est l'Être, la Positivité, l'Ordre, la Plénitude absolue. Où trouver en lui la moindre faille? Et le Mal, étant néant, ne peut exister que s'il est voulu. Comment posséderait-il la moindre force attractive? Il ne paie même pas, puisqu'il doit jusqu'au bout nous faire horreur. Qu'on imagine un bourreau interrogeant doucement sa future victime : « Quelle est la torture que tu redoutes le plus? celle que tu pries Dieu chaque jour de t'épargner? » La victime répond naïvement : « L'estrapade. » Alors le bourreau : « C'est précisément celle-là que je veux t'infliger. » Ainsi du méchant vis-à-vis de lui-même. Puisque le critère subjectif du Mal c'est l'horreur qu'il inspire, le méchant sait que le plus grand Mal est aussi celui qui lui fera le plus de mal. Trahissant délibérément un ami, Genet déclare : « Ma trahison me cause une souffrance inouïe. » L'excès même de la contradiction donne à la phrase une résonance un peu comique qui doit éveiller notre méfiance. Il n'importe : serait-ce l'appétit de souffrir qui l'inclinerait au Mal? Mais l'attitude de Genet reste bien ambiguë : prenons garde en effet qu'il veut aller au crime malgré cette souffrance, et non à cause d'elle. Elle lui résiste, en effet, elle l'empêche de s'établir d'emblée au plus profond du Mal. Il doit s'entraîner, utiliser les derniers méfaits qu'il a commis comme tremplin pour des inventions plus détestables encore. « Le Mal, écrit-il, se gagne peu à peu, par une découverte géniale qui vous fait glisser loin des hommes. Mais le plus souvent par un travail quotidien, long et décevant. » Il s'excuse même : « J'ai dû m'appuyer sur un peu de beauté physique pour atteindre le Mal. » Comme si l'horreur était telle qu'il ne puisse y atteindre sans secours, un peu comme Dante, pour descendre aux Enfers, a besoin du bras de Virgile. Il y a un progrès dans le Mal et c'est en s'entraînant sans relâche qu'on brise une à une les résistances et qu'on réalise l'écartèlement progressif de la volonté. Mais voici la contrepartie immédiate : il ne faut à aucun prix supprimer la souffrance, pas même la diminuer. L'idéal serait même de l'accroître : on doit s'entraîner et non pas s'endurcir. Il écrit : « Cette vie inhumaine risquait de conduire trop rapidement Erik au détachement. » Au cours d'une scène de sadisme, les tortionnaires font des grimaces, et il dit : « Je savais

Mal

De toute façon il n'est "normal".

Sartre construit ici une étrange métaphore dont le fondement est de psychopathologie

O método de leitura de Charbonneau, aplicado aqui à obra de Saint Genet – comédien et martyr, de Jean-Paul Sartre, um de seus autores preferidos. O livro não era para ele objeto de culto, mas instrumento de trabalho, que dava origem a fichas que, por sua vez, alimentavam seus escritos e conferências.



ARQUIVO C.S.C.

qu'ils devaient se livrer à ces grimaces parce que leur mépris risquait de devenir une indifférence au Mal jusqu'à la pitié pour ceux qui le commettent. » C'est donc bien au cœur de la contradiction qu'il veut s'installer; l'aspect subjectif du Mal c'est la souffrance jusqu'à la lie, un mépris de soi-même et de ses complices qui ne doit en aucun cas se changer en pitié; Genet veut délibérément la déchéance au sein de la conscience, bref ce que Bataille nommerait le *supplice*.

*Je suis la plaie et le couteau
La victime et le bourreau.*

Est-ce donc là son but?

Il est certain que Genet, s'il veut être sa propre cause, doit se défaire de ses souffrances ou s'en faire l'auteur. Et comme sa crise originelle l'a plongé malgré lui dans une horreur dont il ne peut guérir, le seul moyen qu'il ait de tenir cette horreur de lui-même, c'est de renchérir sur elle et de la pousser à l'extrême. Allons plus loin : c'est dans la souffrance seule qu'il peut se sentir libre, car c'est le seul sentiment qui peut venir de lui. A moins d'être un Dieu, on ne peut se rendre heureux sans le concours de l'univers : pour se rendre malheureux, on n'a besoin que de soi.

Mais nous tombons aussitôt dans des difficultés nouvelles : Genet, en tant qu'homme libre, doit vouloir acquérir l'autonomie de sa *sensibilité*, mais en tant qu'il veut être méchant, c'est-à-dire acquérir l'autonomie de sa *volonté*, il ne peut vouloir le Mal pour la seule horreur que celui-ci lui inspire. S'il était la fin suprême, le supplice ne différencierait pas beaucoup des sévices que le Saint exerce contre soi. Ou bien, tout au contraire, il deviendrait l'expression d'un profond ressentiment : torturé et devenant son propre tortionnaire Genet voudrait faire honte aux gens de bien comme Baudelaire devient l'Heautontimoroumenos pour faire honte à Mme Aupick. Et, très certainement, Genet passe d'une attitude à l'autre : il n'a pas perdu l'ambition d'être saint et, d'autre part, sa rancune est parfois si manifeste que Scheler l'eût certainement rangé parmi les « hommes du ressentiment ». Mais la souffrance que nous cause le Mal que nous faisons est à égale distance des tortures qu'on s'inflige par ascétisme et de celles qu'on s'impose par bouderie. Et puis l'orgueil de Genet tente d'étouffer sa rancune : il ne lui est pas permis de se plaindre puisqu'on se plaint *aux autres* et des torts qu'ils vous font. Si Genet s'écarte souvent de sa route, il y revient toujours. C'est bien le Mal qu'il veut et qu'il doit vouloir pour reprendre l'initiative.

Une interprétation exclusivement psychanalytique de son attitude passerait à côté de la question : certes, la sollicitude intelligente des honnêtes gens s'est appliquée à doter cet enfant de tous les complexes; rancune, sentiment d'infériorité, surcompensation : Genet a tout

de même que l'interprétation exclusivement métapsychique que Genet tente ici.

ARQUIVO C.S.C.

Genet		(2)
Signe p.135	Amour p.173	
Miracle p.137	Morale p.177	
Dieu p.138	Homme p.179/181-182	
Affekt p.143	Mort p.181	
Mal p.145-149	Désespoir p.182	
Amour p.146	Art p.183	
Mal (bien) p.147	Sainteté p.185-192-196	
Morale p.147	Morale p.195	
Mal p.150	Amyot p.197	
Dieu p.153	Amour p.199	
Homme p.154	Education p.199	
Dieu p.154	Amour p.200	
Mal p.154	Homme p.203	
Mal (liberté) p.154	Humble p.207	
Art p.155	Morale	
Existentialisme p.157	Humouralité p.212-215	
Morale	Foi d'Élie p.215	
Genet p.163-172-176	Dieu p.218	
Dieu	Prayer p.221	
Diabol p.162	Mal p.223	
	Mal p.223-231	
	Genet p.228	
	Existentialisme p.231	
	p.239	

ARQUIVO C.S.C.

Anotação de Charbonneau no frontispício: N.B. O fundamento da moral existencialista se encontra aqui, quando o autor estabelece as relações que existem entre: Bem - Mal - Ser - Singularidade - Liberdade (p. 152 ss.). A expressão suprema da singularidade (e da liberdade) reside na escolha gratuita do Mal.

Essas citações coligidas desempenhavam um papel fundamental na atividade literária de Charbonneau. Quando desejava escrever sobre determinado assunto, passava em revista as suas fichas, dispondo-as numa ordem que correspondia ao plano que arquitetara para a obra. Com as fichas espalhadas em cima da mesa, Charbonneau se punha então a martelar a velha *Remington*, trabalhando horas a fio, invadindo frequentemente a noite alta e mesmo a madrugada para dar corpo à ossatura mental que já estava formada. Nos primeiros anos, Charbonneau escrevia ainda no seu próprio quarto, misto de escritório e biblioteca, situado numa das alas térreas do pavilhão principal do colégio. Mas à medida que as demandas à sua volta aumentam e ele próprio se torna o epicentro de inúmeras atividades, faz-se necessário incorporar mais uma sala. Charbonneau transfere para lá parte de seus livros, reservando o quarto de dormir para leituras e pequenas notas e o novo escritório para as consultas, os atendimentos e as atividades de escrita sistemática.

Mais tarde, nos anos 80, quando o número de livros não cabia mais nos dois aposentos, Charbonneau conquistou uma terceira sala, compondo assim o desenho definitivo dos três cômodos interligados, que constituiriam até o fim da vida o seu posto avançado no Colégio Santa Cruz.

Com o tempo, uma espécie de simbiose acabou se estabelecendo entre a imagem de Charbonneau e a do colégio — a modernidade de um contagiando a do outro. Assim, em vez de receber seus interlocutores na penumbra de um mosteiro ou em meio ao silêncio do que muitos acreditam deva ser o ambiente religioso, Charbonneau recebia seus visitantes numa sala de trabalho, repleta de livros, instalada no coração de um movimentado colégio, com janelas dando para duas quadras de tênis, das quais subia, não raro, um irrequieto vozerio adolescente.

Essa combinação entre arquitetura moderna e um padre com concepções intelectuais ousadas e atuais dificilmente deixava de causar impacto. Charbonneau tinha plena consciência desse fato e procurava reforçar ainda mais a imagem de um homem de seu tempo, sem aura nem preconceitos. Assim, numa matéria de julho de 1967, que tem por título “A opinião de

um padre moderno”, o entrevistado, visivelmente divertido com a reação do jornalista diante do seu jeito informal, vai logo se apresentando: “Agora, eu sou um solteirão de quarenta e um anos, longe da neve. Aqui, tenho o tênis e o buraco. Qual o velho solteirão que não joga buraco?”. E prossegue: “Ia aos campos no tempo em que o Santos era bom. Agora, vou de vez em quando. Sou um admirador do cinema, mas não um estudioso. Vou ver comédias e banguê-banguês para me divertir, vou ver filmes sérios porque me interessam pessoalmente. *Um homem, uma mulher* ou *As duas faces da felicidade*, por exemplo. Estou louco para ver aquele filme do “Evangelho segundo São Mateus”, feito por um comunista, o Pasolini. E não recuso também uma boa chopada. Não acha bom, assim, uma boa chopada entre amigos no *Franciscano*?”

Como se vê, Charbonneau não fazia esforço algum para aplainar sua imagem de sacerdote, conformando-a aos moldes de uma superfície lisa e convencional. Ao contrário: sentia mesmo que era seu dever destruir “esse conceito folclórico que se faz do padre, principalmente na América Latina”: a imagem — diria ele — de um “homem fora do comum, meio angelical, impecável”, quando, na verdade, o padre “é um homem como outro”.

Extremamente consciente da imagem que projetava, Charbonneau não tinha ingenuidade alguma quando se relacionava com a mídia, fosse esta escrita ou televisiva. Sabia muito bem que sua postura aberta, informal, tanto atraía um número muito grande de católicos que, de outro modo, passariam ao largo da mensagem da Igreja como, ao mesmo tempo, incomodava profundamente os defensores de um catolicismo conformado, que se queria distante de tudo o que cheirasse a novidade e movimento. Por isso mesmo, para provocar uma espécie de curto-circuito nessas concepções, quando ia à televisão defender um ponto de vista considerado avançado, trajava batina, vestimenta tradicional; quando, ao contrário, defendia opiniões enraizadas na tradição, vestia o *clergyman*, hábito moderno.

Frei Betto, no entanto, recorda-se de ter ido certa vez a uma concorrida pizzaria de São Paulo, numa noite de domingo, lá pelos idos de 66. Numa mesa de centro, sozinho com seu blusão de couro, Charbonneau parecia algo constrangido com toda a atenção que acabara despertando. Obviamente ele chegara cedo e não contava que, com o salão lotado, ficaria exposto à curiosidade de tantos olhares. Frei Betto e um amigo — que já lhe haviam sido apresentados anteriormente e tinham-no em alta conta — dispuseram-se então a fazer-lhe companhia. Não lhes saiu da memória o fato de que, durante todo o jantar, o garçom não parou de trazer bilhetinhos anônimos, endereçados a Charbonneau, escritos por comensais indignados, que afirmavam não ser papel de padre “vestir-se com blusão de couro e frequentar pizzarias da moda”.

O que, no fundo, não deixa de revelar uma ambiguidade profunda da nossa classe média, que, dividida entre atraso e modernidade, ora aprovava, ora reprovava tais “atitudes de vanguarda”.

Alguém com uma bateria extra

Se sua imagem exterior era controvertida, no que toca à amizade Charbonneau era uma unanimidade. Assim, ele será sempre, no relato de seus amigos, alguém com quem “você podia contar”. Alguém que parecia carregar consigo uma bateria extra, disponível a qualquer hora do dia ou da noite para o socorro de terceiros. Não importava a dimensão do drama: a qualquer momento o telefone podia tocar no quatinho do Santa Cruz. E graças ao exercício dessa disponibilidade humana contínua, Charbonneau entraria na vida de muita gente como se fosse mais um membro querido da família.

Maria Lúcia e Gilberto Moreira se lembram de ter assistido um amigo que atravessava dura depressão. Às quatro da madrugada, esgotadas as forças e os argumentos e temendo um gesto desesperado, o casal lançou a última cartada: “Você gostaria de conversar com o Charbonneau?”.

Chamado ao telefone, este respondeu de pronto: “Se vierem me buscar, eu vou já”. Pouco depois, o dia azulando no horizonte, Charbonneau dispensava os amigos que tinham se revezado, exaustos, a noite toda e trancava-se no quarto com o necessitado. Saiu por volta do meio-dia, quando a coisa parecia fora de perigo.

Essa solidariedade, Charbonneau estendia-a aos alunos em qualquer circunstância, fosse esta pessoal ou política. Nos primeiros dias de abril de 1964, o estudante da FAU Sílvio Sawaya — o mesmo que alguns anos antes desenvolvera a técnica de dormir nos bancos do Santa Cruz durante as aulas de filosofia — corria o risco de ser preso a qualquer momento por ter liderado, até então, o DCE da USP. Quando soube disso, Charbonneau procurou imediatamente os familiares do ex-aluno, colocando os seus aposentos e as dependências do colégio à disposição para servir de abrigo ao futuro arquiteto.

No fim daquele ano de 1964, o feitiço quase vira contra o feiticeiro. Durante a festa de formatura, um grupo de alunos mais exaltados — que confundiam o intenso questionamento de Charbonneau ao capitalismo com adesão incondicional à esquerda — decidiu proclamar, do alto de sua arrogante sabedoria adolescente, que já era hora de o governo militar expulsar de vez “aquele padre estrangeiro e comunista”. Foram, imediatamente, cercados pelos amigos e admiradores de Charbonneau, e a discussão por pouco não evoluiu para um quebra generalizado nos gramados do colégio.

É bem possível que o episódio não desagradasse inteiramente a Charbonneau, que tinha a solidariedade entre os seus valores mais altos. No entanto, por mais que visse em tal qualidade a razão central do seu sacerdócio, ainda assim não se pode supor que tal prontidão para atendimentos de qualquer natureza de graves crises psicológicas da meia-idade até algum adolescente que, depois dos excessos noturnos, esperava sentado num banco de delegacia; isso, sem contar os inúmeros casais que, em ponto de ruptura, chamavam-no para, literalmente, “segurar as pontas” — não se pode supor que esse exercício contínuo de disponibilidade se realizasse pacatamente, sem ônus. Ao contrário: dotado de uma incrível capacidade de funcionar

como fio de terra e absorver rapidamente a sobrecarga dos outros, e sendo ele próprio homem dado a transportes viscerais de energia, Charbonneau não tardaria a desenvolver, ao longo da década de 60, dores de angina do peito que se tornariam particularmente intensas no ano de 1969, retirando-o de circulação por algum tempo.

[...]

Talvez se possa mesmo dizer que, num certo plano, a doação correspondia a uma necessidade profunda de sua parte. Era, do ponto de vista existencial, uma questão de sobrevivência. Daí que não seja exagero afirmar que os outros, os amigos, com todos os seus dramas e demandas, funcionaram em sua vida como balizas, foguetes de sinalização, bóia e farol no alto-mar, que impediam tamanha energia de girar sobre si mesma, no vazio. Entre esses amigos, Thomaz Magalhães foi um dos que mais estreitou os vínculos afetivos com Charbonneau. Sob muitos aspectos bastante distintos — um sacerdote, o outro empresário e homem do mundo — compartilhavam, em alguma dobra íntima, uma irmandade sem igual. Num dos momentos mais difíceis da vida de Thomaz, quando perdeu sua filha, em dezembro de 1981, Charbonneau estava no Canadá, hospedado no Oratório São José. De lá enviou uma longa carta em que pedia ao amigo que evitasse a “sedução do desespero”. Talvez intuísse o que se passava em seu íntimo. Poucos anos depois, em meio a circunstâncias turbulentas, Thomaz Magalhães poria fim à sua vida.

Com grande emoção, Charbonneau celebrou a missa de corpo presente, na capela do Colégio Santa Cruz. Restava-lhe, além da perda, uma grande dívida, e foi na tentativa de saldá-la que publicou em 1984 um de seus mais belos livros, havia muito prometido ao amigo: *Crônica da solidão*. O único, provavelmente, para o qual dispensou todas as suas fichas. Escreveu-o a partir de si: de seu conhecimento íntimo da dor e da solidão.

* * *

Como certos times que se superam justamente quando estão com um jogador a menos, o juiz é do contra e a partida se realiza em campo adversário, Charbonneau tinha uma incrível capacidade para mobilizar forças nos momentos de crise. Dotado de uma mente brilhante e um desejo intenso de intervir, não espanta que o seu raio de ação tenha se ampliado consideravelmente desde que aqui chegou. Assim, se o Santa Cruz forneceu casa, comida e camaradagem, posto de trabalho e ambiente espiritual, ao longo de toda a sua vida no Brasil, também é verdade que, em pouco tempo, a inserção de Charbonneau na sociedade brasileira já ultrapassava em muito o âmbito do colégio.

Série “Santa Cruz de perfil”

Projeto Editorial:

Fábio Luiz Marinho Aidar Jr.
Alejandro Miguez

Projeto Gráfico:

Fabiana Fernandes

“Charbonneau: o boxeador que ensinava a pensar”

Texto:

Alberto Martins

Diagramação:

Erica Sayuri Ide Scopacasa
Fabiana Fernandes